

A RELIGIÃO MESOPOTÂMICA: ENTRE O RELATIVO E O ABSOLUTO

Francisco Caramelo

A religião mesopotâmica é certamente uma designação demasiado genérica para traduzir o carácter heterogéneo das suas práticas, das crenças e das concepções teológicas que a definem. Não devemos desprezar a amplitude geográfica e cronológica que suporta a realidade cultural mesopotâmica. Mau grado as convergências e similitudes que podemos observar, as generalizações devem ser evitadas. Na verdade, a religião suméria tem características distintas da religião dos semitas; a evolução da religião mesopotâmica na diacronia deve ser considerada; a sensibilidade religiosa dos assírios é diferente da dos babilónios. É prudente, por conseguinte, evitar pensar a religião mesopotâmica como se constituísse uma realidade uniforme e inalterável ao longo de aproximadamente três milénios. A religião mesopotâmica reflecte, pois, a dinâmica das crenças e das práticas rituais, bem como as diferentes sensibilidades que a caracterizam.

A religião mesopotâmica não tem cânone e não apresenta uma teologia sustentada por dogmas. Trata-se, pelo contrário, de uma teologia difusa, que se manifesta em expressões locais e que se traduz num sincretismo religioso que a torna uma religião inclusiva e não exclusiva. A ausência de um cânone dificulta a compreensão sistemática da sua teologia. Encontramo-la difusa na literatura, sobretudo de cariz religioso, como a hinologia. Os hinos e as orações, produzidos num ambiente literário, muitos deles encomendados ou dedicados ao rei, expressam essa teologia e a profunda religiosidade do homem mesopotâmico.

Revista da Faculdade de Sociais e Humanas, n.º 19, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pp. 165-175.

O Hino dedicado a Aššur, por Assurbanípal¹, é um exemplo desta literatura de conteúdo teológico. A Assíria era, nesta época², um estado com uma política expansionista. Os estereótipos frequentemente associados à cultura e à idiossincrasia assírias escondem, aos olhos do sujeito contemporâneo, a sensibilidade religiosa do homem assírio, a qual deve ser compreendida na sua hermenêutica interna e não na dependência de paradigmas actuais.

A nossa proposta de análise parte da tradução do texto, directamente do acádico³, e procura extrair aspectos do pensamento teológico assírio.

1. O muito grande, o proeminente entre os deuses, o que sabe tudo;
2. O venerável, o notável, o Enlil dos deuses, o que decreta os destinos.
3. Aššur, o grande senhor, o que sabe tudo;
4. O venerável, o notável, o Enlil dos deuses, o que decreta os destinos.
5. Que eu enalteça Aššur, o todo-poderoso, o proeminente entre os deuses, o senhor dos países.
6. Que eu exalte a sua grandeza e torne esplêndido o seu louvor.
7. Que eu exalte a reputação de Aššur e enalteça o seu nome.
8. Que eu torne esplêndido o louvor do deus que habita no É.HUR.SAG.GAL.KUR.KUR.RA⁴.
9. Que eu invoque o todo-poderoso e louve o seu heroísmo.
- 10/11. Para mostrar⁵ ao mundo⁶ que há-de vir⁷, que eu revele o deus que habita o É.ŠÁR.RA⁸, Aššur, o que decreta os destinos.
12. Que eu fixe a sua memória para que a posteridade a possa escutar.
13. Que eu enalteça o senhorio de Aššur para sempre:
14. O competente, de vasto entendimento, sábio⁹ dos deuses, nobre,

¹ Assurbanípal foi o último grande rei da Assíria (668-627 a.C.). A datação relativa ao final do seu reinado é discutível, correspondendo a um período obscuro sobre o qual não possuímos muitos dados.

² Este período, *grosso modo* entre o séc. X a.C. e o séc. VII a.C., corresponde ao período neo-assírio, época em que a Assíria constitui a potência dominante e hegemónica no Médio Oriente antigo, desde a Mesopotâmia e Elam (sudoeste do Irão) até ao Egipto.

³ Trata-se do texto K 3258, cuja versão transliterada se encontra em Alasdair Livingstone, *Court Poetry and Literary Miscellanea*, Helsinki, Helsinki University Press, 1989, pp. 4-6.

⁴ Trata-se da capela de Aššur no Ešarra, o templo principal de Aššur.

⁵ O verbo *kullumum* (D) significa «mostrar», «exibir». Vd. CDA, p. 166.

⁶ Trata-se de *adnātu*, um *plurale tantum*. Vd. CDA, p. 5.

⁷ Traduzimos assim *aharriš*, um advérbio, que exprime a ideia de futuro.

⁸ É o templo principal de Aššur.

⁹ Trata-se de *apkallu*, um sábio ante-diluviano.

15. [...] criador (das criaturas) do céu e da terra, aquele que dá forma às montanhas,
16. [...] criador dos deuses, aquele que cria Ištar,
17. coração insondável, entendimento engenhoso,
18. eminente, cuja reputação é temida.
19. [...] do seu [...]Aššur, cuja ordem chega longe,
20. [...] cuja fundação, tal como uma montanha, não pode ser abalada.
21. [...] tal como o que está escrito no céu, não negligencia o tempo próprio.
22. Cujas palavras não podem ser alteradas, cuja ordem permanece firme.
23. [...]cuja fundação, tal como uma montanha, não pode ser abalada.
24. [...] tal como o que está escrito no céu, não negligencia o tempo próprio.
25. [...] a tua palavra é pronunciada desde os primeiros tempos.
26. [...] nem um deus compreende a tua grandeza, ó Aššur.
27. A razão dos planos da tua grandeza não é compreendida.
28. [...] um deus não compreende [...]
29. a tua [...] a razão [...] da tua [...] não é compreendida¹⁰.
30. [...] cujo ataque é irresistível.
31. [...] que fende montanhas
32. [...] que confia na sua própria força
33. [...] que destruiu as suas moradas.
34. [...] cujas armas [...]
35. [...] o que aniquilou Anzû¹¹
36. [...] combate
37. [...] derrota
38. [...] magnífico
39. [...] montanhas,
40. [...] teu¹²
41. [lacuna]

Rev.

- 1' [...]
- 2' [...] que o teu¹³ [...] seja dito [...]
- 3' [...] que ele não abandone

¹⁰ Podemos depreender o sentido porque se trata de uma repetição.

¹¹ Ser mitológico. Tinha o aspecto de uma águia com cabeça de leão e simbolizava o caos que ameaçava a ordem instaurada pelos deuses primordiais.

¹² Ou tua.

¹³ Ou tua.

- 4' Pela manhã, que ele planeie o bem para ti; à noite, que ele pronuncie [...]
- 5' [...]Aššur [...]
- 6' Anu, Enlil, Ea¹⁴, Belet-ili¹⁵ e Mullissu¹⁶
- 7' reverenciaram a autoridade de Aššur na corte da assembleia dos deuses.
- 8' Ordenaram que Assurbanípal, o governador¹⁷ de Aššur, providenciasse, ele sozinho (o culto).
- 9' Entre os filhos e bisnetos, nos dias que hão-de vir,
- 10' durante os longos reinados, por anos incontáveis,
- 11' que o louvor de Aššur não seja olvidado; que ele seja recordado no Ešarra.
- 12' Que seja incessantemente dito, que (te) abra o entendimento
- 13' tal como fez comigo; Aššur confiar-te-á o domínio sobre o país e sobre o povo.
- 14' A palavra de Aššur é gloriosa; grandiosa é a sua divindade.
- 15' Louvor de Aššur, senhor dos senhores, herói. É benfazejo.

Aššur é o deus principal na religião assíria. Numa perspectiva historiográfica mais convencional, a qual encontra decerto um maior enraizamento na religiosidade assíria, os assírios apreendiam o divino de uma forma plural, à semelhança dos seus coetâneos. Não obstante essa religiosidade prevalecente, os círculos mais restritos, as elites intelectuais e religiosas, que se exprimem na literatura, designadamente hinos e orações que chegaram até nós, parecem transparecer, pelo menos, uma religiosidade paralela em que se deixa intuir a unidade do divino.

Nesse sentido, este hino, dedicado por Assurbanípal a Aššur, constituirá uma expressão teológica dessa sensibilidade religiosa. Aos nossos olhos, essa expressão parecerá mergulhada numa certa ambiguidade, uma vez que incorpora aspectos de pluralidade e aspectos em que se intui a unidade do divino. No entanto, esta aparente ambiguidade apenas traduz a lenta maturação da ideia de deus entre os assírios e uma sensibilidade religiosa inclusiva que admite a convivência e a coexistência de percepções teológicas não coincidentes.

¹⁴ Anu, Enlil e Ea, deuses assimilados da religião suméria, constituíam uma tríade estruturante na religião mesopotâmica.

¹⁵ Deusa de origem suméria, ligada à criação e identificada com o útero, a quem os deuses pediram para gerar a humanidade.

¹⁶ Era a esposa de Aššur.

¹⁷ Trata-se de *šakkanakkum*.

O hino, expressão das elites intelectuais e religiosas, reflecte o conceito de divindade, algo instável aos nossos olhos, numa linguagem que se assume poética e talvez catacrética, eventualmente a única possível no discurso teológico entre os assírios, na ausência de um argumentário que nos soaria mais familiar se fosse caracterizado por uma lógica racionalista.

A poesia assume-se, pois, como uma forma privilegiada de discursividade teológica. A nossa proposta de análise, partindo da tradução do hino, procura explorar as principais áreas de definição conceptual da divindade, o que, inevitavelmente, nos conduz no sentido de uma abordagem semântica. Identificámos quatro áreas de definição, as quais consistem em *topoi* diferentes, ainda que complementares.

1. O *topos* dos epítetos

O hino contém vários epítetos, que são atribuídos a Aššur, e que procuram traduzir a grandeza incomensurável do deus. Chamamos-lhes **epítetos superlativos** porque se destinam a exaltar a divindade, exprimindo o seu carácter remoto, incomparável e sobretudo único.

- 1.1. šurbûm – «o muito grande». Não se vislumbra aqui a noção de infinito mas a grandeza de Aššur é um dos seus atributos, implicitamente incomparável.
- 1.2. etel DINGIR.MEŠ – «o proeminente entre os deuses». Este epíteto reflecte a condição de Aššur, acima de todos os outros. Não se trata, pois, de um deus único, no sentido em que não existem outros, mas que, porventura, será único na sua natureza, nos seus atributos. Este epíteto traduz, provavelmente, uma lógica de compreensão do divino que se apoia num paradigma, porventura mais próximo e contíguo, que é o da realeza humana. Era natural, pois, que a divindade principal fosse idealizada como um rei que presidia sobre a assembleia divina. Nesse sentido, encontramos, embora não neste hino, epítetos como LUGAL kiššat DINGIR.MEŠ, que exprimem o seu estatuto como «rei da totalidade dos deuses»¹⁸. Ainda assim, podemos ler na linha 7' que os deuses primordiais reverenciaram a sua autoridade na corte da assembleia dos deuses. Na linha 15', lemos um outro epíteto que vai em sentido semelhante: bēl EN.MEŠ – «senhor dos senhores». Na linha 13, podemos ler «que eu enalteça o senhorio de Aššur para sempre». Todas estes epítetos confirmam o estatuto inigualável de Aššur, usando como paradigma a própria corte e a hierarquia social que lhe está associada. Por fim, na linha 2, podemos encontrar um

¹⁸ Vd. *SAA* 12, 86.

epíteto que tem um profundo significado teológico: «Enlil dos deuses». A referência a Enlil deverá ter dois sentidos. Por um lado, podemos estar perante um fenómeno de sincretismo religioso e de identificação teológica entre os dois deuses; por outro lado, a alusão a Enlil tem um efeito argumentativo e retórico, na medida em que reforça o papel e a importância de Aššur na assembleia divina.

- 1.3. Encontramos epítetos com as mesmas características como kabtum – «o venerável», šūtuqum – «notável» e leûm – «competente» que se destinam a destacar a natureza incomparável de Aššur. Outros reforçam o seu estatuto, diríamos social, em relação aos restantes: et[lu mutlellû – «eminente» (linha 18); muttallu – «nobre» (linha 14).

Dentro desta categoria de análise, podemos também considerar o que classificamos como **epítetos funcionais**. Entendemos por epítetos funcionais aqueles que caracterizam Aššur, atribuindo-lhe funções que só ele pode ter e que, por essa razão, o configuram como único.

- 1.4. bēl matāti – «o senhor dos países». Este epíteto define Aššur como um deus cuja soberania é universal. Nesse sentido, estabelece-se um programa e compete ao rei terreno concretizar, em nome da divindade, esse domínio sobre todas as terras. O mundo pertence, por direito, a Aššur e ao rei assírio, que é o šar matāti, isto é, o «rei dos países».
- 1.5. mušim šimat – «o que decreta (ou determina) os destinos». Normalmente, esta função está associada ao deus principal e demiurgo; é assim que acontece no *Enuma elish*¹⁹. Este poder é exercido sobre a humanidade, mas também sobre os deuses. Ter esta função significa, por conseguinte, ter um ascendente sobre todos os outros deuses.

2. O *topos* da criação

Espera-se, certamente, que uma das esferas semânticas associadas ao deus seja a que respeita ao processo demiúrgico e à sua caracterização como divindade criadora. Nesse sentido, o hino sugere diversos atributos de Aššur.

- 2.1. «criador das criaturas do céu e da terra». O recurso ao merisma reflecte o estatuto de Aššur como criador de todas as criaturas, o criador de tudo quanto existe. O verbo banûm traduz, do ponto de vista semântico, a ideia de criar, de formar, de construir.

¹⁹ Poema babilónico da criação.

- 2.2. «criador dos deuses». Também se verifica aqui o recurso ao verbo *banûm*. A criação dos deuses potencia a superioridade de Aššur sobre todos os outros.
- 2.3. «o criador de Ištar». O verbo usado neste contexto já não é *banûm*, mas antes *walādum*. Este verbo tem essencialmente um sentido de criação biológica. Aššur é aqui apresentado como progenitor de Ištar. Noutras ocorrências, exteriores a este hino²⁰, encontramos a expressão: AD (abu) DINGIR.MEŠ GAL.MEŠ. Significa «pai dos grandes deuses» e vem na linha da expressão anterior.
- 2.4. Também ausente do texto está a ideia de que Aššur é um deus que se criou a ele mesmo. Encontramos esta ideia, mais uma vez, em SAA 12 86: *banû ramnišu*. A área semântica da criação é, por conseguinte, um domínio importante na definição da transcendência de Aššur. No nosso hino, são usados dois verbos distintos para traduzir o acto de criar – *banûm* e *walādum*. Estes dois verbos são, de certa forma, contrastantes, ainda que se concentrem na pessoa de Aššur. O primeiro pressupõe a criação como um acto de moldar, de fabricar, o que lembra a criação nos mitos mesopotâmicos, onde os deuses criam moldando o barro. Este *modus faciendi* é comum nas concepções de criação que encontramos no mundo pré-clássico, sobretudo no mundo semita. Trata-se de criar a partir de algo, de uma substância, preexistente. Nesse sentido, não estamos perante uma criação *ex nihilo*, mas sim uma criação em que o acto de criar corresponde a dar forma a uma substância que já existe. Já o verbo *walādum* traduz uma realidade diferente, correspondendo ao acto de gerar biologicamente. Os dois verbos correspondem, pois, ao acto de criar e, embora distintos, estão ambos concentrados em Aššur.
- 2.5. «o que forma as montanhas». Este é um atributo que se insere também neste *topos*. O texto recorre ao verbo *patāqum*, que exprime a ideia de formar, de moldar, associada, por exemplo, ao fabrico do adobe, mas também ao acto de forjar o metal.

3. O *topos* da transcendência de Aššur

A transcendência de Aššur define-se também por características da personalidade divina que o tornam incomparável. Estas características são de âmbito físico e psicológico.

- 3.1. *rapša uzni* – «de vasto entendimento». A tradução alternativa, «orelhas grandes», mostra como o acto de escutar está na mentalidade mesopotâmica associado à sabedoria. A expressão «de enten-

²⁰ Vd. SAA 12, 86.

dimento engenhoso» integra-se na mesma área de definição. Na verdade, se o divino era a fonte primordial e essencial da sabedoria, em última instância para a própria humanidade, é natural que Aššur, como Enlil dos deuses, como o primeiro, fosse dotado de forma inigualável. Era dele que brotava a sabedoria, destinada a deuses e aos homens.

- 3.2. mudû kala – «o que sabe tudo». Este atributo reflecte, uma vez mais, o poder único de Aššur. Efectivamente, cremos que não está ainda em causa a assunção da omnisciência divina. Porventura, será, por enquanto, apenas a noção de que Aššur, como deus ímpar, conhece o que pode ser conhecido e é dotado de uma sabedoria superior à de todos os outros, sendo a origem da sabedoria de todos os outros.
- 3.3. NUN.ME DINGIR.MEŠ – «sábio dos deuses». NUN.ME corresponde a apkallu, uma figura mitológica ante-diluviana, dotada de grande sabedoria. Ora, Aššur é caracterizado como o mais sábio entre os próprios deuses.
- 3.4. «coração insondável» (ou remoto). Este atributo leva um pouco mais além a incomparabilidade de Aššur. O seu coração, sede da sabedoria, é insondável, tanto para os homens como para os próprios deuses. Ao longo do hino, podemos ler outras passagens que reforçam esta ideia. A expressão «nem um deus compreende a tua grandeza, ó Aššur» torna-o, de certa forma, intangível e coloca-o à parte de todos os outros. A incapacidade de compreender a sua natureza estende-se à impossibilidade de entender as suas acções: «a razão dos planos da tua grandeza não é compreendida [...] um deus não compreende[...]». Por conseguinte, a inteligência e a sabedoria de Aššur, bem como o significado dos seus actos, estão acima da compreensão humana e divina, o que define a sua natureza e a sua quase intangibilidade.
- 3.5. dandannum – «todo-poderoso». Aššur também se distancia de todos pelo seu incomensurável poder. Essa potência divina é, por vezes, referida como «heroísmo» (linha 9) e o hino aponta Aššur como um «herói» (linha 15'). Uma das expressões desse poder e desse heroísmo consistiu na vitória do deus sobre Anzû (linha 35), o que significa a vitória da ordem sobre o *caos*. Há uma mensagem mais ou menos subliminar nesta ideia. Na verdade, Aššur criou o mundo e esse processo corresponde, de uma certa forma, à assunção e à afirmação da ordem sobre o *caos*. No entanto, esse triunfo da ordem sobre o *caos* não é definitivo. A não definitividade da ordem, o mesmo é dizer da criação, obriga a uma permanente dialéctica em que Aššur desempenha o papel decisivo.

4. O *topos* da palavra de Aššur

A última área de definição conceptual da divindade prende-se com o domínio semântico da palavra. Não devemos esquecer que a palavra tem, na Mesopotâmia, e no mundo pré-clássico, uma força realizadora. Essa dimensão performativa, em particular na palavra divina, transforma-se, no caso de Aššur, num dos atributos importantes da sua natureza.

- 4.1. «a tua palavra é pronunciada desde os primeiros tempos» (linha 25). Este enquadramento temporal é decisivo. Com efeito, a palavra coexiste naturalmente com quem a produz, o que torna Aššur um deus permanente, uma divindade que vem desde os primeiros tempos até ao presente. Esta afirmação confere a Aššur um sentido de duração e de permanência único.
- 4.2. «cujas palavras não podem ser alteradas, cuja ordem permanece firme». Com esta passagem, reforça-se o sentido da permanência da palavra de Aššur, acrescentada com a sua inalterabilidade e firmeza. A imutabilidade da palavra de Aššur confirma o seu carácter único, uma vez que o deus podia revogar a palavra de todos os outros mas ninguém poderia mudar a sua a não ser ele próprio. Para consolidar a ideia de inalterabilidade e firmeza da palavra divina, esta passagem é formulada num contexto em que se frisa o carácter inabalável e, por conseguinte, permanente e firme da montanha (linhas 20 e 23).
- 4.3. «cujas ordens chegam longe». A palavra e a ordem de Aššur não só são permanentes, no sentido em que existem *ab initio*, como parecem não ter fronteiras, uma vez que ecoam onde nenhuma outra chega.
- 4.4. «a palavra de Aššur é gloriosa». A palavra divina reflecte, pois, todos os atributos de Aššur e é uma imagem do deus.

Conclusão

Na ausência de um cânone ou de tratados de natureza teológica na religião mesopotâmica, hinos como este contribuem para a compreensão do pensamento religioso assírio. No séc.VII a.C., época em que este hino é produzido, a religião assíria atravessaria uma tendência monoteizante. Esse impulso teológico é intuído, neste como noutros hinos. O monoteísmo e a construção do único e do absoluto manifestam-se num processo lento e gradual.

Esta tendência monoteizante reflecte-se em sistematizações diversas. Na religião assíria, Aššur e Ištar constituem dois pólos de sistematização teoló-

gica. Neste hino, o discurso teológico em torno de Aššur tende a adensar a sua preponderância sobre todos os outros deuses. Verifica-se uma concentração de qualidades na natureza divina e acentua-se a distância e a diferença entre ele e todos os outros.

Essa distância parece polarizar-se essencialmente em torno de quatro vectores. O primeiro é de ordem física. Tem a ver com o poder incomensurável de Aššur. No nosso hino, pudemos ler como o deus é caracterizado como todo-poderoso (*dandannum*) e como aquele que venceu Anzû. Esta potência divina coloca-o muito acima de todos os outros e confere-lhe o papel de adversário do *caos*. O segundo vector corresponde à potência que a sua palavra encerra. A palavra divina é inalterável, é firme, existe desde o princípio do tempo e chega muito longe. Implicitamente, esta é uma forma de afirmar que o deus está sempre presente e em toda a parte. O terceiro vector consiste na sua capacidade de tudo saber. Aššur manifesta uma sabedoria inigualável. O quarto vector consiste no facto de os desígnios do deus, a sua razão e a sua vontade serem insondáveis e incompreensíveis, não apenas para a humanidade como também para os outros deuses.

Estes quatro vectores são, na nossa opinião, estruturantes no processo monoteizante que atravessa a religião assíria. Constituem, por outro lado, o ensaio de atributos que encontraremos, mais tarde, claramente associados ao deus bíblico, já num contexto monoteísta. Referimo-nos à onipotência, à onnipresença e à onisciência divinas. Neste caminho de afirmação monoteizante, assiste-se a uma busca incessante do transcendente, a qual passa por acentuar até ao limite do possível a diferença e a distância qualitativas entre Aššur e os outros deuses.

Intui-se neste hino a dialéctica entre o relativo e o absoluto na religião assíria. Se, por um lado, esta é uma religião de muitos deuses, por outro lado, parece buscar-se aqui um certo sentido de unidade e, por conseguinte, o absoluto. Por enquanto, esse caminho é ainda sinuoso, mas passa pela afirmação conceptual do transcendente e pela demanda do único.

Resumo

A religião assíria, no séc. VII a.C., reflecte uma tendência monoteizante que se manifesta neste hino dedicado por Assurbanípal ao deus Aššur. O conceito de divindade na teologia assíria apresenta-se condicionado pela prevalência do plural e do relativo mas intui-se, concomitantemente, a busca da unidade e do absoluto do divino. É em torno de quatro vectores essenciais, estruturantes do ponto de vista teológico, que se entende essa tendência monoteizante. Na ausência de um cânone ou de uma sistematização teológica, a linguagem poética, nomeadamente os hinos e as orações, produto literá-

rio das elites intelectuais e religiosas, constituía o veículo e a expressão destas concepções.

Palavras-chave: Mesopotâmia; Assíria; Literatura; Religião; Monoteísmo

Abstract

There was a monotheistic trend in assyrian religion (VIIth century BC). We may notice this trend on the hymn of Ashurbanipal dedicated to the god Ashur. The prevalence of plurality and relativeness continues to be effective but there is simultaneously a search for the one, for the unity, for the absolute. There are four vectors which structure theologically religion in Assyria and define this monotheistic trend. In the absence of a religious canon, poetic language was the main expression of this theologic trend.

Key-words: Mesopotamia – Assyria – Literature – Religion – Monotheism

Résumé

La religion assyrienne, au VII^{ème} siècle av. J.-Ch., avait une tendance monothéiste que se manifeste dans cet hymne de Assourbanipal au dieu As-hour. Le concept de divinité dans la théologie assyrienne se présentait conditionné par la prévalence du pluriel et du relatif mais on voit là, de façon parallèle, la recherche de l'unité et de l'absolu du divin. C'est autour de quatre vecteurs essentiels, structurants du point de vue théologique, qui se comprend cette tendance monothéiste. Dans l'absence d'une systématisation théologique, le langage poétique, notamment les hymnes et les prières, constituent le moyen et l'expression de ces conceptions.

Mots-clés: Mésopotamie; Assyrie; Littérature; Religion; Monothéisme